

SIMPÓSIO AT187

"TEM GALINHA NOVA NO PORTO!" FONTES PRIMÁRIAS E A DESCRIÇÃO DOS PERFIS SOCIOCULTURAIS DE NEGROS NA AMÉRICA PORTUGUESA.

PEREIRA, Norma Suely da Silva
UFBA
normasuelypereira@yahoo.com.br

Resumo: Durante o período colonial, por meio do intenso tráfico negreiro, milhões de negros foram violentamente arrancados de suas aldeias, em várias regiões do continente africano e cruzando o Atlântico foram comercializados como escravos em determinados portos e feiras, de várias partes do mundo. Segundo informações coletadas no *Banco de dados do tráfico transatlântico de escravos* (SLAVE VOYAGES, 2013), a colônia portuguesa foi o principal destino dos cerca de 12,5 milhões de negros transportados à força entre a Costa da África e as Américas, sendo o Rio de Janeiro, a Bahia e o Recife os principais portos de desembarque do tráfico no Brasil. Fundamentado em base teórica de caráter transdisciplinar, que inclui, além dos estudos filológicos, a Paleografia, ciência que orienta a leitura de manuscritos; a Diplomática, que estuda a autenticidade do documento e a História cultural, para respaldar o estudo das práticas culturais, parte-se da leitura de testamentos e inventários manuscritos, já editados, datados do período colonial, para refletir sobre os novos perfis socioculturais que se delinearam para os negros, que deixando para trás suas origens, passaram a construir, na América portuguesa uma nova identidade, com silenciamento e subjugação de seus traços culturais, assumindo forçadamente a cultura do dominador, ao tempo em que contribuíam decisivamente com a edificação econômica, e a reconfiguração das práticas culturais no Novo Mundo.

Palavras-chave: Filologia; Manuscritos; Bahia colonial; Escravidão.

Abstract: During the colonial period, through intense slave trade, millions of blacks people were violently uprooted from their villages in different regions of the African continent and were marketed as slaves after crossing the Atlantic ocean in ports and fairs in different parts of the world. According to information collected in the *Transatlantic Slave Trade Database* (SLAVE VOYAGES, 2013), the Portuguese colony was the main destination of the approximately 12.5 million blacks people transported by force between the Coast of Africa and the Americas, and the states of Rio de Janeiro, Bahia and Pernambuco where the main landing ports of this traffic in Brazil. Based on a transdisciplinary theoretical basis, which includes, besides philological studies, the Palaeography, science that guides the reading of manuscripts; the Diplomatics, which

studies the authenticity of document and Cultural History, to support the study of cultural practices, it is used reading of wills and manuscript inventories already published, dating from the colonial period, to reflect over new sociocultural profiles that have been outlined for blacks, which leaving behind their origins, began to construct in Portuguese America, a new identity, with silencing and subjugation of their cultural traits, forcibly taking over the dominator culture, and at the same time contributing decisively to economic construction and reconfiguration of cultural practices in the America.

Keywords: Philology; Manuscripts; Colonial Bahia; Slavery.

Introdução

Para além da edição de textos, a prática filológica permite ao pesquisador que investe na leitura de fontes primárias, descortinar aspectos do passado que foram muitas vezes escamoteados, ou mesmo negligenciados pela historiografia oficial. No período colonial, conforme dados já levantados por inúmeras pesquisas dentre os quais destacam-se informações coletadas no *Banco de dados do tráfico transatlântico de escravos* (SLAVE VOYAGES, 2013), a América portuguesa foi o principal destino dos cerca de 12,5 milhões de negros transportados à força entre a Costa da África e as Américas. Dentre os principais portos de desembarque do tráfico no Brasil, figuram o Rio de Janeiro, a Bahia e o Recife.

Para refletir sobre os novos perfis socioculturais ocupados pelos negros na América portuguesa, configurando uma nova identidade, com silenciamento e subjugação de seus traços culturais, analisaram-se documentos notariais, que integram a coleção de Livros *do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, os quais registram o patrimônio material do Mosteiro, em sua maioria referentes a bens localizados na Capitania da Bahia.

A investigação fundamenta-se inicialmente na prática filológica, orientando-se pela sua função transcendente, a partir da qual, como assinalado por Spina (1994), o filólogo busca reconstituir os traços culturais de um povo ou comunidade em determinada época, refletindo sobre seus aspectos e

implicações a partir dos conhecimentos que o texto enseja. A base teórica transdisciplinar inclui ainda a Paleografia e a Diplomática que esclarecem pontos de maior dificuldade na decifração da escrita manuscrita e auxiliam na compreensão do teor e estrutura dos documentos notariais; além da História cultural, que respalda o estudo das práticas culturais, das mentalidades e dos importantes aspectos da micro-história.

Os resultados até então obtidos pela pesquisa oferecem pistas que ajudam a estabelecer nova compreensão acerca das práticas culturais na América portuguesa, e a esclarecer sobre seus reflexos nas práticas do presente.

1. A análise de documentos notariais

O *corpus* selecionado encontra-se disponibilizado *online* em edição semidiplomática (LOSE; PAIXÃO, 2016) e contém manuscritos editados no período de 1552 a 1913, relativos às Capitanias de Pernambuco, da Bahia, de Alagoas, de Sergipe, dos Ilhéus, do Rio de Janeiro e de São Vicente, constituindo-se, desse modo, em importante fonte para o conhecimento de práticas culturais e fatos diversos ocorridos na nossa história, desde o período colonial até o início do período republicano. Para a presente investigação, foram selecionados quinze documentos notariais, entre testamentos, inventários, escrituras, “carta de rematação” e auto de posse, datados entre os séculos XVII e XVIII os quais integram os *Livros I e II* do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia, tomando como critério de escolha a menção a negros cativos e forros. Trata-se de documentos de cunho administrativo, que tiveram como função primária a validação de questões legais de direito privado. Para o filólogo, assim como para outros pesquisadores, interessa, sobretudo, o valor secundário de tais documentos, testemunhos das relações e organizações sociais em determinado contexto e em dada época, ajudando a reconstruir imagens, fatos e práticas nem sempre bem esclarecidos nos documentos da historiografia

oficial, permitindo, entre outras coisas, uma melhor compreensão da situação linguística de cada período.

Dentre as diversas possibilidades de mediação, optou-se por uma metodologia transdisciplinar, para uma melhor observação dos múltiplos aspectos da investigação. Partindo-se de edições filológicas conservadoras (SPINA, 1994), observam-se os motivos e interações humanas que os textos carregam em sua produção, transmissão e consumo (MCKENZIE, 2018 [1999]), observando-se as atitudes e as práticas culturais descritas nos documentos (CHARTIER, 2010) com foco nas relações que se estabelecem entre o colonizador e os negros cativos e forros, notadamente no que se refere às novas identidades construídas na diáspora África-Brasil.

Dados de fontes primárias e relatos de viajantes registram que, mesmo após a determinação de abolição do tráfico, o movimento de importação forçada de pessoas se manteve ativo no Atlântico, passando a eleger, então, portos alternativos para o desembarque clandestino. Nesse contexto, segundo reza a história da cidade que sedia esse evento, seu nome teria surgido como senha que informava a chegada de novo carregamento de escravos: “Tem galinha nova no porto!” Daí o nome de Porto de Galinhas, que juntamente, com Itamaracá e outros portos menores do litoral de Pernambuco, constituíam-se nos pontos das Américas mais próximos do litoral africano, o que tornava as viagens mais rápidas, com menor índice de mortalidade e, portanto, mais rentáveis.

2. As ocupações e os novos perfis socioculturais

Aqui, os africanos foram distribuídos em dois grandes contextos de trabalho, o campo e as comunidades urbanas. O *corpus* selecionado revela diferentes ocupações, as quais se relacionavam com o gênero, a procedência e a destinação na América. A documentação examinada, é mais frequente, a

indicação das ocupações dos homens, que as das mulheres. Quanto à procedência, observa-se que os ofícios, sejam os trazidos na experiência do africano, ou os aprendidos na América, tanto concorriam para sua melhor avaliação mercantil no ultrajante comércio negreiro, como determinavam a maior ou menor oportunidade de acúmulo pecuniário que lhes facultasse a compra da alforria.

Na América portuguesa, o trabalho, em especial o que exigia algum esforço físico, era destinado exclusivamente aos cativos, inicialmente os índios, chamados “negros da terra” ou gentios, e mais tarde os africanos, sequestrados pelo tráfico e desembarcados em portos diversos. Conforme o contexto, se urbano ou rural, observa-se a configuração de diferentes ocupações, que vão determinando o delineamento de diferentes perfis sociais. Nos centros urbanos mais desenvolvidos, conforme a descrição de muitos viajantes, e análise de diversos estudiosos, é grande a profusão de trabalhadores negros e mestiços em torno do porto e do mercado, bem como nas ruas e esquinas, tanto no comércio ambulante como oferecendo serviços diversos, desde a carga e descarga e o transporte de pessoas, até os mais especializados, como os artesãos, barbeiros e cirurgiões.

Os escravos ao ganho, e os de aluguel, com a devida autorização que os senhores obtinham junto à Câmara municipal, podiam circular pelos centros urbanos oferecendo produtos e serviços. Os “ganhadores”, embora taxados por seus senhores, podiam ficar com uma parte do ganho auferido no comércio ambulante ou pela prestação de pequenos serviços. Por meio de tal regime, denominado de coartação, as pessoas escravizadas poderiam garantir a compra da própria liberdade, e de seus familiares, para isso acumulando um pecúlio por muitos anos, enquanto permaneciam cativos. Caso fosse apanhado sem a devida licença, o escravo poderia ser recolhido ao depósito público da cidade. Contudo, a emancipação, mesmo conquistada a duras penas, estava ainda assim, em geral, condicionada à morte do senhor, o que era ratificado em

testamento, de modo que, conforme assinala Machado (2018), ficasse garantida, assim, a mão de obra principal para a manutenção do patrimônio e geração de riqueza enquanto o testador vivesse, como se pode concluir do trecho a seguir:

[...] declaro, queo meo mulato Ferreiro Caetano Fagundes, o deixo *cortado* em setenta mil reis por meofalecimento, em quanto não der os ditos setenta mil reis, estará como captivo dos Religiozos deSaõ Bento; e declaro mais, que tão bem deixo o meu mulatinho alfaiate Felis BezerraBrandaõ, esua mai Domingas Bezerra, ambos *cortados* cadahum em quarenta mil reis, tudo por meofalecimento, eem quanto não derem estarão como Captivos dos Religiozos deSaõ Bento, e sendo, que deem o dito dinheiro em que os deixo *Cortados*, seraõ obrigados os Religiozos deSaõ Bento, apassarem-lhe carta de alforria [...] (*LIIT*, f.42v, L. 4-9, 1732) [Grifos meus].

Como destaca Costa (2010), alguns senhores mantinham ao ganho até trezentos escravos, os quais só não podiam comercializar pólvora ou armas e dependiam de uma licença expressa de seus senhores para deambular à noite pelas ruas ou para alugar casas e quartos. Nesse contexto, o tipo de especialização determinava a valorização mercantil na comercialização dos cativos. De modo que, aqueles com habilidades diferenciadas como o músico, que tocava charamela, rabecas e realejos, dentre outros instrumentos; ou o barbeiro, que em geral é também o cirurgião e o dentista, o que realiza sangrias e aplica sanguessugas, constituem-se em importante fonte de renda extra para seus senhores (MOURA, 2004). No *corpus* analisado fica demonstrado, por meio dos epítetos que acompanham os prenomes das pessoas escravizadas, a diversidade de origens e a pluralidade de ocupações e ofícios, que concorreram para a reconfiguração dos papéis sociais e a construção de novas identidades para as pessoas escravizadas, na América portuguesa:

[...] *Pedro dogentio deguiné taxeyro* avaluado emseçenta mil reis = *Magdalena dogentio deguine* ja velha avaliada emvinte mil reis [...] = *Felippa mançabique* avaluado em quarenta esinco mil reis porser *Xarameleyro* eter os pés epernas muito enchadas [...] *Pedro cachaba dogentio deguine* já anciaõ avaluado emsincoenta mil reis *Manoel arda* tambem *serrador* [...] mais franzino avaluado emsincoenta mil reis = *Joaõ Masangam*

avaliado em seçenta mil reis = *Antonia arda* comhuma cria depeito chamada Zacharias avaliada em quarenta esinco mil reis = *Manoel mullato Barbeyro ançião* avaliado em setenta esinco mil reis = *Roque molato* sem préstimo algum mais que por ser *caldeyr[eyr](o)* de Engenho avaliado em setenta mil reis = *Constantino Mestiço* também *Caldeyreiro* mosetaão avaliado em oitenta mil reis porter demais ama is oprestimo de *Xarameleiro* = [...]” (LIT f.º 232r, 1690. L. 11-27.) [Grifos meus].

O estudo dos epítetos é feito pela Antroponímia, parte da Onomástica que estuda a constituição dos nomes individuais, aí incluídos os sobrenomes, epítetos e alcunhas (DICK, 1998). Observa-se, no micro contexto do inventário, a ocorrência de epítetos que indicam variadas etnias e procedências entre os escravizados: Guiné, Moçambique, Masanga (Serra Leoa), Ardra, bem como de ofícios mais ou menos especializados, tanto ligados ao engenho, como tacheiro, serrador, caldeireiro, quanto aos contextos urbanos, possivelmente empregados “ao ganho”, como o barbeiro, e os músicos, na figura do Chameleiro. As fontes revelam ainda, as condições aviltantes em que pessoas debilitadas, por doença, ou pela idade avançada, a exemplo de Pedro cachaba¹, ou ainda lactantes, e seus recém-nascidos eram também livremente comercializados.

Considerações finais

Como se buscou demonstrar, os ofícios e especializações das pessoas escravizadas concorreram para sua valorização no aviltante mercado de pessoas. Por outro lado, destaca-se que a prática do trabalho “ao ganho” foi um dos principais meios pelos quais os cativos acumulavam o suficiente para a compra da liberdade. Já quanto às mulheres, poucas informações sobre suas profissões são encontradas nos mesmos documentos, o que pode sugerir, desde então, a multiplicidade de ocupações relativas ao trabalho doméstico, e a pouca importância dada à especialização nesse contexto.

¹ Cachaba – [do esp.] ant. bastão, cajado, bengala.

Os dados ratificam a importância do rigor filológico na edição de documentos, sobretudo aqueles já mais afastados no tempo e que demandam maior critério no estudo do léxico. Reafirma-se também a necessidade de revisão de postulados já consagrados pela historiografia, que se restringiu à descrição dos aspectos que cercaram a vida e a mentalidade do colonizador, negligenciando a necessidade de descrição das diferentes formas de violência sofrida pelo povo africano e afrodescendentes, que subjugados e expoliados ainda assim, resistiram, e contribuíram decisivamente com a edificação econômica e cultural da América.

Referências

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. Lição inaugural n.195 do Collège de France. Tradução de Jean Briant. **Estudos Avançados**, São Paulo: USP, 24 (69), p. 7-29, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n69/v24n69a02.pdf> Acesso em 04 jul. 2016.

COSTA, Emília V. **Da senzala à colônia**. 5.ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

DICK, M. Vicentina de Paula do A. Os nomes como marcadores ideológicos. **Acta semiótica et Lingvística**. João Pessoa, v.7, n.1, p. 97-122, 1998.

LOSE, Alícia D.; PAIXÃO, Dom Gregório (org.). **Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia**. 5 v. Salvador: Memória e Arte, 2016.

MACHADO, Ana P. S. R. Testemunhos da mente: elites e seus escravos em testamentos (fundo da Baía do Rio de Janeiro, 1790-1830). In: Demétrio, D. V.; SANTIROCCHI, Í. D.; GUEDES, R. (org). **Doze capítulos sobre escravizar gente e governar escravos: Brasil e Angola, séc. XVII ao XIX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografía y sociología de los textos**. Tradução Fernanda Veríssimo. São Paulo: EDUSP, 2018 [1999].

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2004.

SLAVE VOYAGES, 2013. Disponível em: <http://www.slavevoyages.org/voyage/> Acesso em 25/08/2018.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: Crítica Textual**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars poética: EDUSP, 1994.